

## Diferença e unidade: as práticas da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia em Urubici

**Ricardo Pimentel\***

Instituto Superior de Administração e Economia do Mercosul (Brasil)

**Carlos Alberto Cioce Sampaio\*\***

FURB/USP/UNISUL-IA/UNIEvangélica-FUNADESP (Brasil)

**Valéria de Meira Albach\*\*\***

Universidade Estatal de Ponta Grossa (Brasil)

**Resumo:** O artigo mostra como as práticas no território de Urubici (sul do Brasil), contribuem para alcançar objetivos da associação estudada. A pesquisa baseou-se na imersão fenomenológica, combinando a observação participante e a entrevista em profundidade na coleta de dados. A teoria da prática e a noção de sensemaking contribuem para a compreensão dos processos decisórios na estruturação de arranjos socioprodutivos com fins socioambientais, e na produção e aplicação do saber local na sustentabilidade do território. Os resultados apontam que as diferenças em relação à experiência originária da Associação Acolhida na Colônia, mostra-se como um novo arranjo socioprodutivo, com caminhos para alcançar objetivos comuns, fortalecer um paradigma emergente, e catalisar a força da relação entre o território de Urubici, a AAAC, e os turistas, com efeitos em toda a região. Recomenda-se a criação do Centro Cultural, Histórico e Gastronômico da Acolhida na Colônia Urubici como forma de concretizar esse novo arranjo.

**Palavras-chave:** Ecosocioeconomias; Teoria da Prática; Turismo de Base Comunitária; Fenomenologia; Sensemaking.

### **Difference and unity: the practices of the Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia in Urubici**

**Abstract:** The paper shows how practices in the territory of Urubici (South of Brazil), contribute to achieving the objectives of the association studied. The research was based on phenomenological immersion, combining participant observation and in-depth interviews in data collection. Practice theory and the notion of sensemaking contribute to the understanding of decision-making processes in structuring socio-productive arrangements for socio-environmental purposes and in the production and application of local knowledge in the sustainability of the territory. The results indicate that the differences concerning the authentic experience of the Acolhida na Colônia Association reveal themselves as a new socio-productive arrangement, with ways to achieve common goals, strengthen an emerging paradigm, and catalyse the strength of the relationship between the territory of Urubici, the AAAC, and tourists, with effects throughout the region. It is recommended to create the Cultural Center of the Acolhida na Colônia Association Urubici to materialize this new arrangement.

**Keywords:** Eco socioeconomics; Practice Theory; Community-based Tourism; Phenomenology; Sensemaking.

\* E-mail: [pimentel.ric@uol.com.br](mailto:pimentel.ric@uol.com.br) ; <https://orcid.org/0000-0003-1804-6691>

\*\* E-mail: [carlos.cioce@gmail.com](mailto:carlos.cioce@gmail.com) ; <https://orcid.org/0000-0002-0664-0266>

\*\*\* E-mail: [val.albach@gmail.com](mailto:val.albach@gmail.com) ; <https://orcid.org/0000-0002-1517-4826>

## 1. Introdução

A discussão das questões socioambientais ganhou impulso nas primeiras décadas do século XXI, potencializada pela pandemia de COVID-19 em 2020. O episódio provocou o acirramento da desigualdade, desafiou as instituições democráticas com o exacerbamento de discursos e práticas extremistas e escancarou o fato de que as mudanças climáticas atingem a vida social e econômica de forma ampla, grave e interdependente (Piketty, 2014; V-DEM Institute, 2021; IPCC, 2022), que requer diferentes perspectivas e abordagens para apreender as variadas dimensões dos fenômenos envolvidos.

Essa premissa inspirou o estudo realizado na Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (AAAC) no município de Urubici, estado de Santa Catarina - sul do Brasil - cujo objetivo é compreender como as práticas das pessoas associadas contribuem para fortalecer princípios e alcançar objetivos, como a valorização da vida no campo, o combate ao êxodo, a proteção e recuperação da natureza e a integração entre vida rural e urbana.

O estudo baseou-se numa pesquisa qualitativa com imersão fenomenológica (Pimentel & Nogueira, 2018), com observação participante e entrevistas em profundidade na coleta de dados, e o método fenomenológico no processo de análise. Essa combinação busca acessar a intersubjetividade por meio das atividades relacionais entre pesquisador e sujeitos do fenômeno focalizado, para que sejam uma fonte de dados e elementos de interpretação, sem que ocorra uma simbiose entre elas (Prus, 1996; Manidís, 2015).

Uma teoria da prática de base fenomenológica e com enfoque no processo de mudança foi adotada (Schatzki, 2012; Shove, Pantzar, & Watson, 2012), para contribuir com a perspectiva da ecossocioeconomia em relação aos processos de decisão na estruturação de arranjos sociopolíticos ou socioprodutivos com fins socioambientais, e à produção e aplicação do saber local na sustentabilidade do território (Sachs, 2007; Sampaio, 2010; Sampaio & Alves, 2019).

Compreender a mudança nos arranjos por meio da mudança das práticas, permite ter acesso à sua própria constituição através das articulações dos elementos simbólicos e materiais, bem como das competências envolvidas. O artigo discute o conceito de extrarracionalidade, e mostra como a teoria da prática contribui para a compreensão das relações intersubjetivas nos processos coletivos de produção de conhecimento, que se dão nos arranjos, e impactam os processos de decisão intra e interorganizacionais. Essa contribuição se sustenta no conceito de inteligibilidade como elemento constituinte da prática, e que abarca as dimensões tácitas e pouco visíveis da organização social.

Descrever e compreender a produção de conhecimento coletivo local permite acessar a constituição, manutenção e reconstituição da experiência ecossocioeconômica, pois permite avançar para além do conceito de extrarracionalidade como “pré-racionalidade” (Sampaio, 2010), atribuindo-lhe o *status* de um conhecimento pleno e vivo, baseado numa racionalidade prática e não-científica (Sandberg & Tsoukas, 2011).

O estudo mostra que abordar uma experiência ecossocioeconômica nessa perspectiva amplia a capacidade de compreendê-la, identificando suas reais contribuições com as questões socioambientais, e não apenas os princípios e valores previamente definidos. No caso do território estudado, algumas características que estão em desacordo com a experiência originária da AAAC em Santa Rosa de Lima (estado de Santa Catarina – Brasil) como a ausência de agroecologia, são resultado das mudanças nas práticas, expressam elementos da transitoriedade de paradigmas, e contribuem para fortalecer os princípios e alcançar os objetivos da AAAC.

Da análise fenomenológica dos dados emergiram três categorias analíticas: (1) Hospitalidade, alimentação e convivência; (2) Agricultura, Turismo de Base Comunitária (TBC) e turismo rural; (3) Benefícios e valores percebidos pelas pessoas associadas à Acolhida Urubici.

Essas particularidades expressam o processo de construção da AAAC Urubici. Não é a falta da agroecologia que expressa sua identidade, mas sua contribuição com a associação como um todo, mostrando que a multifuncionalidade nas propriedades e entre as propriedades de um mesmo território pode ser ampliada para a multifuncionalidade entre territórios. Essa contribuição fortalece a AAAC e permite vislumbrar novos campos de atuação voltados para a construção de um mundo mais solidário e sustentável numa alternativa ecossocioeconômica: educação ambiental, preservação e desenvolvimento da cultura local, e resistência frente aos avanços do *trade turístico* e seus efeitos nocivos.

## 2. Eossocioeconomia, Turismo de Base Comunitária (TBC) e Extrarracionalidade

As eossocioeconomias caracterizam-se pela organização em rede denominada de interorganização, baseada em arranjos institucionais de caráter sociopolítico e arranjos produtivos de conformação socioeconômica, nos quais uma problemática ambiental é territorializada. Quando esses dois arranjos estão inseridos em cadeias produtivas, potencializa-se a configuração que essa seja inclusiva, responsável e, conseqüentemente, sustentável (Sampaio & Alves, 2019; Vieira & Sampaio, 2022).

Para esse estudo, destaca-se o turismo de base comunitária (TBC), cujo interesse científico vem crescendo em publicações internacionais, e numa intensidade menor nas nacionais, em temas como formas de gestão e governança (Graciano & Holanda, 2020). Aqui é a comunidade que protagoniza a organização e o desenvolvimento da atividade turística em modalidades que predominam ou se mesclam, seja ecoturismo, turismo cultural, agroturismo e turismo rural (Garcia, 2021). Enquanto no turismo rural se privilegiam experiências sociais e culturais diversas no espaço rural, o agroturismo se relaciona à vivência das práticas ligadas à produção, e em relação ao TBC, agricultura familiar e agroecologia predominantemente.

O TBC, como parte de uma cadeia produtiva sustentável, pode ser visto como um tipo de experiência que está situada no contexto de uma transitoriedade para um arranjo socioprodutivo de base mais sustentável e solidária (Alcântara, Grimm, & Sampaio, 2018; Lee & Jan, 2019; Urano & Nóbrega, 2020; Rafael Cáceres-Feria, 2021; Garcia, 2021). A associação focalizada neste estudo é um exemplo dessa modalidade, cujo contexto é formado por desafios e oportunidades.

O artigo contribui com estudos empíricos sobre eossocioeconomias organizacionais, ao propor uma abordagem teórico-metodológica focada na compreensão das práticas de governança demandadas pelos arranjos de base comunitária, e mais especificamente aos processos de decisão, com caráter difuso, de múltiplos usuários, como suscita o tema socioambiental. Em relação ao TBC, a abordagem baseada na prática contribui para incorporar as atividades não-turísticas como parte desses arranjos, e o papel da espacialidade e temporalidade na sua constituição (Bispo, 2016).

A dimensão coletiva dos processos de decisão tem sido abordada nos estudos sobre eossocioeconomias organizacionais a partir do conceito de extrarracionalidade. Fernandes e Sampaio (2006, p. 7), a partir de Weber, concebem esse tipo de racionalidade como “uma pré-racionalidade, baseada em uma dimensão tácita, ou seja, ainda pouco visível”.

Sampaio, Fernandes, Etxagibel e Gabilondo (2014, p. 284) destacam que a extrarracionalidade é uma expressão “do conhecimento contido nas organizações, nos territórios, em que os problemas realmente acontecem e suas soluções também”. Ela é fonte de princípios para a gestão dos arranjos interorganizacionais, valoriza a visão de médio e longo prazo, suscita a racionalidade ambiental, e questiona a hegemonia da racionalidade econômica e sua reprodução nas organizações (Sampaio & Dallabrida, 2009).

A perspectiva desse estudo, busca integrar a dimensão individual à organizacional, como um continuum onde a objetividade e a subjetividade são seus extremos, e problematiza a noção de “pré-racionalidade”, que hierarquiza o conhecimento, colocando a extrarracionalidade em posição inferior na compreensão dos arranjos interorganizacionais, e principalmente na ação dentro dessas organizações. O conhecimento organizacional, como os sistemas socioambientais, está em constante construção e reconstrução. É um conhecimento pleno e vivo, baseado numa racionalidade prática e não-científica (Sandberg & Tsoukas, 2011).

Assim entendido, o conceito de extrarracionalidade coloca limitações para a compreensão do caráter processual e social do conhecimento organizacional, valorizando sua dimensão explícita. O saber tradicional das dinâmicas socioambientais, por exemplo, é produzido e disseminado nas relações sociais das comunidades locais. Como em geral não está registrado e sistematizado como o saber científico, é designado como tácito. Ser reconhecido e nomeado como tradicional indica que é consolidado e cognoscível, com sua dinâmica atrelada ao contexto social no qual é produzido, fruto de uma aprendizagem situada e coletiva (Lave & Wenger, 1991; Nicolini, Gherardi, & Yanow, 2003; Lave, 2011).

O que se defende é que a perspectiva da teoria da prática pode contribuir para dar o devido status a esse tipo de conhecimento (Schatzki, 2012). Estudos inspirados por essa teoria e voltados para compreender a sustentabilidade como prática, alinham-se a alguns propósitos da eossocioeconomia, como apresentado a seguir (Pantzar & Shove, 2010; Shove, Pantzar, & Watson, 2012; Pimentel, 2020).

### 3. Teoria da Prática, Inteligibilidade e Sensemaking

A prática é a unidade de análise da organização social e constitui-se por um conjunto de atividades humanas coletivamente organizadas por meio de arranjos sociomateriais, ou seja, arranjos de pessoas, objetos e artefatos, em uma determinada configuração espaço-temporal. Elas se manifestam por meio de “fazer e dizer”, que se interconectam por meio de entendimentos práticos, regras, estruturas teleo-fetivas e entendimentos gerais, e possuem identidade e sentido (Schatzki, 2012). Estudar a prática é focalizar as ligações entre os “fazer e dizer” como ações básicas, bem como os objetos materiais que dão suporte a essas ações.

Essas ações básicas se ligam a outras ações do próprio sujeito e de outros, com a utilização de uma gama maior de objetos materiais, em nível cada vez maior de interações, formando as atividades. Essas atividades são humanas e coletivas, mas não coincidem necessariamente com a prática que só se estabelece quando essas atividades passam a ter identidade e sentido para os praticantes, em outras palavras, quando são inteligíveis (Heidegger, 2010; Schatzki, 2012; Nicolini, 2013).

A inteligibilidade é assim um elemento importante na constituição da prática, considerando que esta estruturação das ações/atividades/objetos é também o elemento que liga uma prática a outras práticas, formando uma ordem social local onde os sentidos são estabelecidos.

Considerando a dinâmica socioambiental e dos arranjos socioprodutivos numa experiência de TBC, é importante focalizar as conexões entre sentidos, objetos e competências para compreender o processo de mudança (pré-prática, prática e ex-prática) (Shove, Pantzar, & Watson, 2012; Pimentel, 2020). O conhecimento coletivo originário da construção, manutenção e reconstrução das práticas na vida cotidiana coincide com a gênese da inteligibilidade, que permite aos membros de um arranjo interorganizacional ou de um território lidar com os problemas existentes, reformulá-los, bem como identificar novos.

O conceito de inteligibilidade, de origem filosófica, é importante para a concepção teórica mais abrangente, mas precisa ser traduzido em formas concretas e realizáveis de pesquisas empíricas. O conceito apresenta uma limitação análoga ao conceito de extrarracionalidade mas em sentido contrário: o primeiro destaca o processo de construção do conhecimento coletivo numa perspectiva não representacional, processual e baseada na prática, mas carece de força empírica que permita sua apreensão; o segundo destaca o conhecimento tácito, mas valoriza sua dimensão mais explícita. Um caminho para superar esse desafio, é adotar um arcabouço teórico que permita avançar em direção à superação dessa dificuldade, e que seja capaz de ir além das limitações da extrarracionalidade e da inteligibilidade.

Para tanto, propõe-se a noção de *sensemaking* a partir das reflexões de Sandberg e Tsoukas (2020), que consideram que este é um fenômeno que se origina e se estabelece no mundo da prática. Os autores propõem uma tipologia a partir dos elementos que constituem o *sensemaking* (nexo entre sentido e ação; temporalidade, incorporação e linguagem), que pode ampliar a compreensão da sua produção de forma coletiva, tanto nas suas dimensões, tácita, explícita e não-proposicional. A Tabela 1 apresenta cada um dos tipos e suas características.

**Tabela 1: Tipos de Sensemaking**

Tipo de <i>sensemaking</i>	Características
Imanente	Realizado em atividades rotineiras, é marcado por um sentido prático, produzido de forma imediata e antecipatória, é principalmente incorporado e minimamente cognitivo-discursivo.
Envolvido-deliberado	Realizado em momentos de interrupção das atividades, tem por objetivo restaurá-las, é marcado por um sentido contextual, produzido de forma retrospectiva e prospectiva, parcialmente incorporado e parcialmente cognitivo-discursivo.
Desapegado-deliberado	Realizado temporariamente fora das atividades rotineiras, tem por objetivo problematizar ou rever as atividades problemáticas, é marcado por um sentido conceitual, produzido de forma retrospectiva e prospectiva, principalmente de forma cognitiva-discursiva.
Representacional	Realizado em atividades de avaliação distanciada, descontextualizadas, com o objetivo de compreender e explicar as atividades problemáticas, é marcado por um sentido de espectadores, produzido de forma analítica, retrospectiva e prospectiva, principalmente de forma cognitiva-discursiva e representacional

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Sandberg e Tsoukas (2020)

Essa abordagem busca contribuir com a compreensão dos processos de decisão coletivos: uma prática é um processo de negociação, em que os sujeitos definem o que pensam ser correto e adequado fazer. Tal sentido intersubjetivamente criado, permite a realização de uma prática inúmeras vezes entre praticantes de um território de um modo racional. A constituição, manutenção e reconstrução de uma prática e o processo de decisão são “faces da mesma moeda”: pratica-se a decisão, decide-se como deve ser prática.

#### 4. Procedimentos Metodológicos

O estudo adotou uma abordagem qualitativa baseada na imersão fenomenológica (Pimentel & Nogueira, 2018). Coerente com a abordagem teórica adotada, o método utilizado contempla o envolvimento do pesquisador no campo, em atividades que privilegiam as relações e negociações com os sujeitos da pesquisa, e explora os conflitos e tensões dessa zona de contato, como meio para acessar as práticas e seus elementos (Prus, 1996).

A imersão fenomenológica tem como foco a apreensão da refletividade como experiência humana e sua multiplicidade, que se manifesta na intersubjetividade. Esta por sua vez é baseada nas atividades relacionais, processuais e negociáveis, tornando-se meio para o acesso a fenômenos sociais, nos quais essa dimensão não é apreensível de forma imediata. A estratégia de coleta de dados adotou a observação participante e as entrevistas em profundidade, que, metodologicamente, contribuíram com o acesso a essa dimensão intersubjetiva.

O método fenomenológico e suas reflexões recorrentes e aprofundadas, baseadas nos processos de descrição, redução e interpretação, propiciam que as experiências do pesquisador e as experiências dos sujeitos do fenômeno focalizado sejam uma fonte de dados e elementos de interpretação, sem que ocorra uma simbiose entre elas (Prus, 1996; Manidis, 2015).

A observação participante ocorreu durante as atividades apresentadas na Tabela 2, em diferentes fases do estudo, com elaboração de um diário de campo. Ao participar das atividades, o pesquisador teve acesso a elementos da prática como regras, estrutura teleo-afetiva e entendimentos práticos. Após uma noite de fortes ventos, o pesquisador atuou na limpeza de um vasto gramado da propriedade onde se hospedou, que ficou coberto por pequenos galhos de pinheiros, conhecidos como sapê. A necessidade de limpeza imediata pela chegada de hóspedes, permitiu vivenciar e compreender alguns dados obtidos nas entrevistas, como a recorrência de citações ao trabalho exaustivo nas propriedades.

**Tabela 2: Atividades da observação participante**

Fase da pesquisa	Atividades
Planejamento da pesquisa	Reuniões on line com fundadora e com membros da equipe de coordenação da AAAC
Aproximação com o campo	Visita como turista ao território de Santa Rosa de Lima/SC; Participação em duas assembleias presenciais nos territórios de Santa Rosa de Lima e Urubici para apresentação da proposta de pesquisa, com posterior escolha definitiva do campo; Participação em reunião sobre reestruturação da AACCC em Santa Catarina;
Trabalho de campo	Estada de quinze dias no território, com hospedagem em propriedade ligada à AAAC, participação em atividades de atendimento aos turistas, acompanhamento de passeio turístico, atividades de manutenção da pousada, além da vivência na cidade e região; Visita a dez propriedades com a realização de entrevistas em profundidade, conversas informais e produção de fotos.

Fonte: elaborado pelos autores.

Por outro lado, nas entrevistas foi possível apreender algumas percepções compartilhadas entre as pessoas associadas, tal como a sua identificação como pessoas agricultoras, baseada na história de vida. Esses dados puderam ser confirmados em diversas participações do pesquisador, especialmente na relação com os hóspedes, onde essa característica era um diferenciador na relação pessoas associadas-hóspedes, e valorizadas por ambos.

Ao todo foram realizadas dezoito entrevistas em profundidade, com um total de vinte e quatro pessoas entrevistadas<sup>1</sup>, conforme Tabela 3. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e somaram mais de dezoito.

**Tabela 3: Perfil das pessoas entrevistadas**

Entrevistado (a)	Idade	Sexo	Escolaridade	Atuação profissional
E 1	63	M	Ensino Médio incompleto	Proprietário
E 2	65	F	Ensino Fundamental incompleto	Proprietária
E 3	58	F	Ensino Fundamental incompleto	Proprietária
E 4	58	F	Ensino Superior	Proprietária
E 5	40	F	Doutorado	Secretária de Turismo
E 6	49	F	Ensino Médio Técnico	Técnica em Saneamento
E 7	57	M	Ensino Médio	Proprietário
E 8	49	F	Ensino Fundamental incompleto	Agricultora orgânica
E 9	61	M	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor orgânico
E 10	75	M	Ensino Fundamental Incompleto	Proprietário
E 11	68	F	Ensino Fundamental Incompleto	Proprietária
E 12	58	M	Mestrado	Proprietário
E 13	70	M	Ensino Fundamental incompleto	Proprietário
E 14	70	F	Ensino Superior Completo	Proprietária
E 15	60	F	Ensino Fundamental incompleto	Proprietária
E 16	61	M	Ensino Fundamental Incompleto	Proprietário
E 17	75	M	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor orgânico
E 18	67	F	Magistério	Proprietária
E 19	72	M	Ensino Fundamental Incompleto	Proprietário
E 20	73	M	Ensino Fundamental	Proprietário
E 21	42	F	Ensino Superior Completo	Agrônoma - Consultora técnica
E 22	34	F	Ensino Superior Completo	Agrônoma - Consultora técnica
E 23	55	F	Ensino Superior Completo	Agrônoma -Coordenação AAAC
E 24	57	F	Doutorado	Agrônoma Coordenação AAAC

Fonte: elaborado pelos autores.

O diário de campo produzido durante a observação participante e as entrevistas transcritas, compuseram o conjunto de dados submetidos à análise. O processo de análise inspirou-se na comunicologia de Lanigan (1997; 2013), cujo objetivo é a apreensão da experiência concebida como fluxo entre a percepção e a expressão por meio da linguagem como forma de acesso ao sentido dado pelo indivíduo (Giorgi, 2005).

O conjunto de dados foi analisado com o uso do software Atlas Ti 22®, inicialmente com identificação de temas relevantes a partir de citações. A partir daí, a organização oferecida pelo software no sentido de agrupar esses temas e visualmente compreender suas relações, contribuiu com as sucessivas etapas de redução, e conseqüentemente com a síntese fenomenológica. Ressalta-se que análise foi desenvolvida pelos pesquisadores, tendo o software papel na organização e sistematização do processo..

**Tabela 4: Categorias analíticas emergentes**

Categorias analíticas	
1	Hospitalidade, alimentação e convivência: interconexão entre práticas, transitoriedade de paradigmas e inteligibilidade.
2	Agricultura, Turismo de Base Comunitária (TBC), e turismo rural: relações objetivas e subjetivas como fonte de identidade para o território.
3	Benefícios e valores percebidos pelas pessoas associadas à Acolhida Urubici: identidade e pertencimento.

Fonte: elaborado pelos autores.

A primeira etapa da análise identificou vinte e seis temas em quinhentas e setenta e oito citações. Após a primeira redução fenomenológica chegou-se à proposição de dezesseis unidades de sentido correlacionadas ao conjunto de dados. A comparação dessas unidades de sentidos permitiu a identificação de similitudes e diferenças, permitindo mais uma redução que produziu dez aglutinadores de unidades de sentido. Após o terceiro processo de redução chegou-se à síntese fenomenológica composta por nove categorias analíticas, das quais três foram selecionadas de acordo com o objetivo do artigo, e são apresentadas na Tabela 4. Os resultados preliminares da pesquisa foram apresentados e discutidos com os sujeitos da pesquisa, com contribuições para os resultados aqui apresentados.

## 5. Resultados e discussão

Os resultados da pesquisa são apresentados a seguir, partindo-se de breve exposição sobre a realidade investigada, seguida de exposição baseada nas categorias analíticas que emergiram da análise fenomenológica.

### 5.1 Acolhida na Colônia Urubici: histórico e especificidades

O território Encostas da Serra Geral - Santa Catarina, Brasil - foi o berço da AAAC em 1999, motivado pela busca de solução para problemas da agricultura familiar (empobrecimento dos produtores familiares e êxodo), base econômica e social da região à época, gerados pela modernização da agricultura, especialmente o plantio de fumo, a extração de madeira nativa e o uso de agrotóxicos. Inspirado pelo modelo da *Accueil Paysan*, o foco foi a criação de multifuncionalidade nas propriedades e entre elas no território, a partir da agricultura familiar orgânica e do agroturismo, com vistas a contenção do êxodo por meio da geração de renda e da valorização do agricultor (Guzzatti, 2003; 2010; 2019). Às características do território juntou-se uma tecnologia social baseada em seis passos, descritos na Tabela 5.

**Tabela 5: Tecnologia Social AAAC**

Passo	Descritor
1. Mobilização	Sensibilização e envolvimento da população local;
2. Diagnóstico Rural Participativo (DRP)	Avaliação de cada propriedade realizada pelas demais pessoas associadas;
3. Associativismo	Cooperação na criação e gestão do circuito agroturístico;
4. Unidades Familiares de Produção (UFP)	Implantação dos negócios com mínimo investimento necessário, garantindo a multifuncionalidade da propriedade e do território;
5. Certificação	Criação a aplicação de Caderno de Normas (referencial privado);
6. Promoção e comercialização	Estratégias e ações para se diferenciar do <i>trade</i> turístico.

Fonte: elaborados pelos autores a partir de Guzzatti (2019).

A experiência gerou diversos estudos publicados (Fortunato & Teixeira, 2011; Guzzatti, Sampaio, & Coriolano, 2013; Martins, 2013; Borges, 2014; Martendal & Tomio, 2015; Rocha, Flores, & Pereira, 2017; Walkowski, Damo, & Loch, 2017; Fantini, Rover, Chiodo, & Assing, 2018; Lima & Silva, 2019; Walkowski, Pires, Lopes, & Assing, 2021), e legitimados pelo recebimento de diversos prêmios (Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, 2023).

A AAAC Serra Geral surge como parte desses resultados, tendo em vista o interesse do governo estadual pela ampliação para outras regiões. No caso do município de Urubici essa expansão colocou o desafio de aplicação da tecnologia social e do agroturismo em condições diferentes da região originária, sendo essas condições que motivaram a realização deste estudo.

A AAAC inicia sua atuação no município em 2005 motivada pela expansão do turismo, demandada por proprietários e proprietárias rurais que não estavam satisfeitos com os rumos dados pela administração local, e que viam na associação uma alternativa ao *trade* turístico.

O desenvolvimento histórico de Urubici foi pautado por mudanças traumáticas desde o ciclo de exploração da madeira nativa a partir de 1940, e que se encerrou em 1985 com a proibição dessa atividade. Dessa mudança adveio o desemprego e a redução da renda da população em geral e das pessoas e proprietárias rurais em particular. Inicialmente a saída foi a opção pela agricultura comercial com foco em hortaliças, num contexto em que a atividade agrícola era basicamente familiar e de subsistência (Buratto, Buratto, Soares, & Oliveira, 2013).

Para contornar as características geográficas e climáticas desfavoráveis da região, investiu-se no uso excessivo e inadequado de fertilizantes e agrotóxicos com prejuízo à saúde dos agricultores e aos recursos naturais. A falta de experiência na agricultura comercial levou a relações de exploração desiguais e desequilibradas especialmente com atravessadores. O resultado foi uma desmotivação geral com a atividade agrícola e o seu desaparecimento na maioria das propriedades. O turismo rural surge então como alternativa que já era latente por características geográficas e ambientais, mas sobretudo por características socioculturais como aponta a análise dos dados.

A transição exploração da madeira-agricultura comercial-turismo rural gerou algumas características no território presentes até os dias atuais, e que são diferentes do modelo criado no território Encostas da Serra Geral. O enfoque voltou-se para o turismo rural, enquanto na experiência originária era o agroturismo baseado na agroecologia. As mudanças oriundas da necessidade de superação de dificuldades e de sobrevivência, fomentaram a proatividade e a autonomia dos sujeitos, que não podiam esperar soluções de fora. Com a chegada da AAAC isso gerou conflitos, mas também fomentou a mudança na própria associação.

A seguir apresenta-se cada categoria analítica que emergiu da análise, cuja discussão é direcionada pelo objetivo do artigo.

## **5.2 Hospitalidade, alimentação e convivência: interconexão entre práticas, transitoriedade de paradigmas e inteligibilidade**

A hospitalidade é um elemento presente no território que vai além de uma característica cultural, e se mostra como fonte de inteligibilidade. Ela se apresenta como um aspecto histórico-cultural que não se modificou ao longo do tempo, e que sustenta e valoriza a identidade subjetiva mesmo para quem já não atua na agricultura. Ligada aos laços familiares e sociais mais primários, a hospitalidade é percebida como constituinte da própria identidade local. Um entrevistado expressa isso ao relatar que sua mãe sempre dizia *“mantenha a mesa farta que nunca vai faltar gente em volta dela. Temos feito isso e tem dado certo”* (E7). A mesma ideia é expressa por uma agente pública municipal ligada ao turismo.

*“(…) como que eles mantêm a propriedade deles cheia o ano inteiro? A receptividade dessas pessoas, é a única... não a única forma, mas é o contato que o turista ainda tem com a agricultura familiar, do se sentar à mesa, dessa coisa gostosa, eles encontram na Acolhida na Colônia, nesse ambiente familiar”* (E5).

Na perspectiva das transições traumáticas o turismo rural se apresenta como uma alternativa sustentada por *sensemaking* imanente, que foi construído e incorporado na imersão das práticas cotidianas (Sandberg & Tsoukas, 2020). A ausência de produção agrícola nas propriedades não impede que as pessoas associadas se identifiquem como agricultores. Essa identidade foi expressa diversas vezes com o argumento de que fazem parte de famílias de agricultores, e que valorizam e preservam a vida cultural rural e interiorana, justificando seu pertencimento à AAAC. Pode-se apreender que essa inteligibilidade foi construída nas práticas dentro da associação, pois foi necessário lidar com a contradição, indicando que o *sensemaking* foi do tipo envolvido-deliberado, resultado da vivência corporal e de um processo cognitivo (Sandberg & Tsoukas, 2020).

Considerada a interconexão entre práticas, turistas também participam da produção da inteligibilidade por meio da convivência intensiva com quem os hospeda. A valorização da vida rural e interiorana torna-se um valor para quem busca experiências diferentes, e é nessa interação que ocorre parte importante do processo de aprendizagem coletiva das pessoas associadas e dos turistas com reflexos na relação com a AAAC. Nas palavras de uma entrevistada que cursou até a 4ª série do Ensino Fundamental, *“receber e conviver com os turistas é o nosso curso de faculdade. Com eles ‘viajei pelo mundo’ e aprendi muito”* (E2).

Algumas atividades relacionadas com a hospitalidade como a alimentação e a convivência têm importância orgânica na oferta do turismo rural, e constituem a inteligibilidade. Além disso mostram ser atividades que têm potencial para fortalecer a cadeia socioprodutiva, pois oferecem oportunidades de conexões. A valorização e preservação das tradições gastronômicas são um aspecto histórico, social e cultural que compõem a identidade do território, com impactos na identidade da AAAC Urubici e dos demais territórios por meio da sociobiodiversidade.

Algumas características do território parecem antagônicas e contraditórias com a AAAC em geral, tais como a falta de produção agrícola orgânica na maioria das propriedades, e a ausência de oferta de refeições em algumas propriedades, se vistas da perspectiva da alimentação e da convivência como elementos da prática e constituintes da organização social, tornam-se elementos integradores e que fortalecem a cadeia socioprodutiva.

Por meio da convivência e da alimentação, turistas da AAAC Urubici têm acesso à identidade do território, cujo valor é a possibilidade de "ser mais do que ter" (E4). Com isso, a competição com atrativos naturais da região e com o *trade* turístico, passa a ser também uma relação complementar, que ao mesmo tempo que desafia a AAAC Urubici, destaca seu diferencial.

*"É um diferencial, a Acolhida, eu vejo assim por causa do pessoal que está nas grandes cidades, eles estão perdendo essa ligação com o interior. Então, quando se fala em Acolhida na Colônia, é lá na casa de um agricultor, é lá no campo. Então, isso a Acolhida na Colônia é forte, na minha forme de vida essa parte, esse resgate que estava se perdendo muito que o povo da cidade não tinha mais conhecimento, os mais velhos sim, mas o mais novo não sabe... acho que o leite lá no mercado é da caixa, não saiu de uma vaca"* (E16)

Ao propiciar a interconexão entre práticas, a convivência entre pessoas associadas e turistas fortalece a AAAC, pois é baseada nos seus princípios. Esse fortalecimento sustenta novos papéis que o território de Urubici pode exercer na AAAC como um todo, contribuindo com a multifuncionalidade entre seus territórios. É nessa interconexão que surgem os conflitos, mas também as novas possibilidades.

O conflito oriundo da não existência do agroturismo em Urubici apresenta-se como expressão da transitoriedade de paradigmas (Sampaio, 2010; Sampaio & Alves, 2019). Como são as relações conflituosas e contraditórias que possibilitam essa expressão, pode-se perceber que essa transitoriedade é de difícil apreensão e compreensão. Essa dificuldade vem do fato de que não é um movimento linear, progressivo e evolutivo partindo de um ponto negativo e gradualmente se desenvolvendo em direção a um ponto positivo. Essa visão idealiza o processo, e acaba por valorizar aspectos prescritivos em detrimento da compreensão de como o processo ocorre concretamente no território e nas relações intra, inter e extraorganizacionais, e em que momento se encontra.

Assumir essa condição de transitoriedade abre espaço para a realização de novos rumos e novos papéis da AAAC Urubici. Conflitos e contradições que nascem da interconexão de práticas não são a negação daquela organização social, mas, ao contrário, são seus constituintes e precisam ser explicitados e superados na direção de uma relação mais verdadeira, autêntica, e mais forte. É necessário encontrar um elemento catalisador para que conflitos e contradições possam ser superados. A Acolhida tem feito esse papel, fato que pode ser ilustrado pela fala a seguir:

*"A Acolhida é um programa que ele vem muito de (sic) encontro com aquilo que gente faz, independentemente de ter alguns detalhezinhos aqui ou ali que, de repente, a gente possa discordar ou não está bem afinado, mas ele é um programa que encaixa muito bem com a gente, eu acho que a gente representa muito bem a Acolhida na Colônia, dentro dos princípios que ela propõe de vivenciar o campo, de vivenciar a gastronomia, de você ter esse convívio, realmente, com o meio rural"* (E7).

A relação pessoas proprietárias-AAAC-turistas é de fundamental importância para compreender as características do território de Urubici, e como é possível que ele contribua com a associação de forma geral. Nas palavras de uma entrevistada, o importante "não é ser da Acolhida, é ser a Acolhida" (E18), demonstrando que o pertencimento vai além da relação formal.

### **5.3 Agricultura, Turismo de Base Comunitária e Turismo Rural: relações objetivas e subjetivas como fonte de identidade para o território**

A relação tensa com o trabalho na agricultura tem raízes na história de Urubici e na vida das pessoas proprietárias. Os dados mostram que a opção pelo turismo na cidade se deu antes da chegada da AAAC, especialmente o turismo rural como opção de fonte de trabalho e renda. Essa tensão está circunscrita à atividade em si, e não atinge a identidade como agricultores e agricultoras. Isso demonstra haver uma relação intersubjetiva, que perpassa as relações familiares, conforme relata uma entrevistada.

*"Vamos dizer assim, isso aqui (ser agricultor) tem um valor inestimável para a gente, porque ganhamos como herança, vamos dizer assim, eu também nasci agricultora, por acaso a minha mãe dizia assim todos os dias, "Estuda que você vai ser professora", e foi a agricultura, até certo tempo dava uma boa estabilidade"* (E18).

Dada a importância dessa relação tensa, é necessário apontar alguns dos seus elementos tais como: (1) a agricultura surgiu como opção ao fim traumático da exploração da madeira, apesar da produção de subsistência fazer parte do modo de vida; (2) as relações desiguais com atravessadores - especialmente na produção do tomate, conforme entrevistas; (3) os investimentos e riscos altos devido às condições climáticas desfavoráveis; (4) escassez de mão de obra para pequenas propriedades; (5) exigências

excessivas quanto à produção de orgânicos; (6) uso indiscriminado de agrotóxicos e seus efeitos nocivos à saúde e aos recursos naturais.

O encontro com a AAAC em 2005 foi uma forma de validar e dar sustentação a um projeto que se opunha às propostas do município para a gestão do turismo, e buscava espaço próprio e diferenciado. Tal aspecto é importante para valorizar o que não se enquadra com a AAAC originária, e evitar a perspectiva de que o território de Urubici é marcado pela falta de alguma coisa. Ao não se enquadrarem na proposta do município, as pessoas proprietárias demonstram uma identidade que é o ponto de conexão com a AAAC, e um protagonismo comunitário que se aproxima do TBC.

Essa trajetória própria evidencia alguns problemas, mas também evoca pontos fortes que podem ser o diferencial de Urubici e a base para a constituição de uma identidade própria dentro da AAAC. Assim, o princípio da multifuncionalidade (Guzzatti, 2019) pode ser aplicado aos diferentes territórios com suas identidades próprias, e não somente às diferentes propriedades em cada território.

A inadequação do turismo rural com alguns princípios e normas da AAAC, tais como a exigência do agroturismo com produção orgânica de alimentos, pode ser vista como fonte para destacar a identidade e as particularidades do território, e outras formas de realização daqueles princípios.

Outro aspecto importante é que a região é abundante em atrativos turísticos naturais, e o turismo rural contribuiu para a sua valorização sem deixar de lado as tradições culturais da cidade, mantendo sua identidade. Mais que isso, ocorreu uma mudança de vida e de mentalidade das pessoas associadas, que passaram a perceber o papel do seu trabalho na oferta de valor turístico da região como um todo. Combinado com características socioculturais como o proativismo e a autonomia, gestados pelos desafios enfrentados nas mudanças traumáticas ao longo da história, mostrou-se um caminho viável e sustentável.

Por outro lado, há um papel fundamental da AAAC no território atuando como aceleradora e como agente do empreendedorismo, com impactos no desenvolvimento turístico da região. Ao suportar e legitimar o turismo rural frente ao *trade* turístico e os malefícios do turismo de massa, a associação passa a ser uma fonte de sentido de resistência. Além de servir para conter o *trade* e manter uma relação mais equilibrada em relação ao crescimento turístico, a AAAC contribui com a qualificação de turistas por meio do seu contato com a natureza, conduzido pela população de origem local.

Essas particularidades podem ser vistas tanto como aspectos positivos (fonte de oportunidades) quanto negativos (riscos e fragilidades), que se analisadas como elemento da prática e, portanto, de forma integrada, apontam como um caminho para um papel específico do território na busca pelos objetivos da AAAC de forma geral. A AAAC Urubici sofre a pressão isomórfica do *trade*, mas equilibra o crescimento do turismo e serve de barreira ao turismo de massa. A aparente oposição turismo rural - agroturismo evidencia que de forma concreta há posições intermediárias, que dão sentido à existência do vínculo e do pertencimento, e ajudam a encontrar uma posição que seja aglutinadora e contribua com os princípios da AAAC e sua relação com o TBC, tal como a multifuncionalidade dos diferentes territórios.

#### **5.4 Benefícios e Valores Coletivos percebidos pelas pessoas proprietárias da Acolhida Urubici: identidade e pertencimento**

As particularidades do território descritas anteriormente, também se relacionam com a percepção das pessoas proprietárias quanto aos benefícios de fazer parte da AAAC. Em primeiro lugar a associação é percebida como uma proteção. Do ponto de vista objetivo essa proteção se dá por meio de suporte técnico e divulgação, facilitação de acesso a crédito, e papel político na consolidação do Programa de Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF) com a possibilidade de emissão de nota fiscal como agricultor, preservando os benefícios previdenciários dessa categoria.

*“A Acolhida foi a... principalmente na maturação dessa lei, da criação da lei do microprodutor rural, ela que foi a grande protagonista disso e eu acho que foi a primeira vez que as pessoas despertaram para o turismo, vendo que é possível se agricultor e trabalhar com o turismo” (E5).*

*“(...) é um benefício conquistado pela Acolhida, inclusive, porque foi uma demanda da Acolhida apresentada para o estado e essa legislação, a lei do microprodutor primário, ela aconteceu em função desse movimento que foi o movimento da Acolhida” (E23).*

Já do ponto de vista subjetivo, a percepção da AAAC como proteção assume um papel mais amplo, pois se relaciona com a noção de *sensemaking* em seus diferentes tipos (Sandberg & Tsoukas, 2020). A força do grupo, a ajuda mútua, e as relações entre as pessoas associadas, que são resultados da

experiência de fazer parte da AAAC, servem como suporte emocional para enfrentar os desafios da vida em geral e, especialmente, da vida rural.

A troca de experiências possibilitadas pela participação em Assembleias, visitas técnicas, cursos e atividades sociais, possibilita a vivência intersubjetiva que acaba por valorizar e empoderar os indivíduos e o grupo como um todo por meio da valorização do seu modo de vida.

*“A gente aprendeu a ser mais comunicativo, a gente era muito bugrinho, nem sabia nem falar, a gente aprendeu... perdeu aquele medo, falar sabe, mas tinha medo, não queria... não se abria muito e depois que a gente começou a trabalhar a gente começou a se liberar mais” (E15).*

Essa interconexão entre práticas permite um ambiente onde a produção de sentido possa ocorrer em suas diferentes formas, ampliando a capacidade do grupo em aprender coletivamente e se desenvolver.

A relação do turismo rural de Urubici com a AAAC também é fonte e sustentação de valores coletivos. Os princípios da AAAC e sua fundamentação no TBC imprimem ao turismo rural um sentido ecossocioeconômico, num movimento típico de uma transição paradigmática: como agente de empreendedorismo acelera o desenvolvimento turístico ao mesmo tempo que serve de barreira ao crescimento desenfreado e seus malefícios, fortalecendo o papel da comunidade de pessoas proprietárias.

Por sua vez, ao defenderem e fortalecerem os valores da vida rural e interiorana, membros da AAAC fortalecem seus princípios e contribuem para que ela atinja seus objetivos. A possibilidade de relacionamento com hóspedes permite que ocorra um processo de aprendizagem coletiva. De um lado as pessoas proprietárias aprendem com hóspedes que valorizam o princípio de “ser mais do que ter”, que é realizado na vivência do mundo rural em oposição à vida urbana; de outro, há a valorização e o empoderamento da vida rural e interiorana como identidade, que se torna um valor para turistas. É esse processo que fortalece a associação como um todo.

## **6. Conclusão e recomendações**

Os resultados da pesquisa apontam contribuições da AAAC Urubici para o alcance de alguns objetivos da associação em geral, tais como a valorização da vida no campo, o combate ao êxodo rural, a proteção e recuperação do ambiente natural, e a integração entre vida rural e urbana por meio da convivência e troca de experiências com turistas. Em decorrência disso, e do ponto de vista teórico-empírico, o estudo mostra que a teoria da prática contribui com os estudos ecossocioeconômicos, ao permitir o aprofundamento da compreensão de como essas experiências ocorrem, e seus efeitos na realidade social na qual se manifestam, especialmente em relação às questões socioambientais.

A hospitalidade como característica cultural do território e como fonte de inteligibilidade da prática, sustenta e valoriza a identidade subjetiva das pessoas associadas como agricultores e agricultoras. Ao se apresentar como alternativa às mudanças históricas traumáticas do território, o turismo rural se constitui de práticas que ligam essa identidade ao sentimento de pertencimento à AAAC, e inclui turistas nessa constituição.

A alimentação e a convivência propiciam a interconexão entre práticas realizadas por pessoas proprietárias, AAAC e turistas, e por meio dela estes últimos têm acesso à identidade do território, disseminando e fortalecendo o princípio da valorização da vida rural. A redução da oferta de alimentação nas propriedades ligadas à AAAC Urubici, e consequente redução na convivência, é uma contradição e um desafio que ao mesmo tempo destaca seu diferencial. Sua importância aponta para novos papéis que a Acolhida Urubici pode exercer na AAAC como um todo, contribuindo com a multifuncionalidade entre seus territórios, pois é nessa aparente contradição que surgem conflitos e novos caminhos. Explicitar e enfrentar os conflitos e contradições abre espaço para a realização de novos rumos e novos papéis da AAAC Urubici.

As particularidades do território da AAAC Urubici e suas diferenças em relação ao território originário podem ser abordadas pela perspectiva da identidade, do pertencimento, e como um novo caminho para a realização de objetivos. O turismo rural é um elemento propulsor do desenvolvimento, ao incentivar o empreendedorismo e propiciar a quebra de sazonalidade climática e econômica, além de valorizar os atrativos naturais e as tradições culturais da região. Essa valorização configura-se como uma mudança de mentalidade das pessoas proprietárias, que tomam consciência do valor do seu trabalho como viável e sustentável.

Essa viabilidade e sustentabilidade só é possível graças à parceria com a AAAC, que é uma aceleradora e agente de empreendedorismo. Essa parceria dá suporte e legitimidade para que o território atue como uma resistência frente aos efeitos do *trade* turístico e os malefícios do turismo de massa.

Uma forma dessa atuação é na qualificação de visitantes, que no contato com a natureza e com o modo de vida local podem repensar sua relação com o mundo e com a vida urbana. A oposição entre turismo rural e agroturismo mostra-se como parte da configuração do território, mas evidencia que de forma concreta há posições intermediárias que, graças ao vínculo e ao pertencimento, contribuem com a retenção da população no campo e a integração campo-cidade.

A percepção dos benefícios de fazer parte da associação e os valores coletivos construídos a partir dessa relação, permitem a aprendizagem coletiva e a produção de um novo conhecimento local. Essa produção conta com as contribuições das pessoas proprietárias, da AAAC e turistas em pelo menos dois aspectos: (1) a construção de uma visão de mundo em que é mais importante “ser do que ter”, amplia as possibilidades de mudança no modo de vida no espaço urbano; (2) o fortalecimento da identidade como agentes rurais e a valorização da vida rural e interiorana passa a ser uma oferta de valor turístico com o estabelecimento de um círculo virtuoso.

A partir dos resultados é possível fazer uma recomendação prática para o território de Urubici. Visando superar a redução da oferta de alimentação nas propriedades e da produção e consumo de alimentos orgânicos, propõe-se a criação de um empreendimento social: o Centro Cultural, Histórico e Gastronômico da Acolhida na Colônia Urubici.

Em linhas gerais o empreendimento é um espaço público com a oferta de um restaurante e mercado de produtos orgânicos, combinado a um pequeno museu e espaço cultural. O centro pode ofertar restaurante com refeições orgânicas e produtos *in natura* e processados (geleias, queijos etc.), fornecidos por pessoas produtoras associadas ou não. Isso fortaleceria a rede de propriedades, em especial aquelas que não ofertam alimentação, e cujos hóspedes podem realizá-las no referido espaço.

O museu cumpre o papel de resgatar e preservar a história de Urubici e da colonização, tradições culturais da região, e os legados do desenvolvimento da cidade. Por fim, o espaço cultural pode ofertar workshops, cursos, projeção de filmes, rodas de histórias contadas por idosos e idosas, contribuindo com a educação ambiental de turistas e população em geral. Além disso pode ser uma opção para atrair e reter jovens oriundos das famílias associadas ou não, oferecendo uma opção de trabalho e de redução do êxodo.

Concluindo, o que aparentemente era um distanciamento em relação à experiência originária da AAAC mostra-se como um novo arranjo com novos caminhos para alcançar objetivos comuns, fortalecer um paradigma emergente, e catalisar a força da relação entre o território de Urubici, a AAAC, e os turistas com efeitos em toda a região.

## Bibliografia

- Alcântara, L. C., Grimm, I. J., & Sampaio, C. A. (2018). Turismo de base comunitária e bem viver: estratégias de desenvolvimento e redução das desigualdades. *REDE-Revista Eletrônica do PRODEMA*, 12(01), pp. 58-73.
- Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia. (2023). *Prêmios conquistados pela Acolhida e sua equipe*. Acesso em 15 de Janeiro de 2023, disponível em Acolhida na Colônia: <https://acolhida.com.br/sobre/premios/>
- Bispo, M. d. (2016). Tourism as practice. *Annals of Tourism Research*(61), pp. 170-179. doi:<http://dx.doi.org/10.1016/j.annals.2016.10.009>
- Borges, V. D. (2014). Dinâmica social do espaço rural: O turismo de base comunitária da rede de agroturismo Acolhida na Colônia. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 21/22, pp. 439-451.
- Buratto, L. G., Buratto, J. A., Soares, N. M., & Oliveira, O. R. (2013). *Urubici e suas belezas naturais: uma história da serra catarinense* (2ª ed.). Tubarão, SC: Ed. dos autores.
- Fantini, A., Rover, O. J., Chiodo, E., & Assing, L. (2018). Agroturismo e circuitos curtos de comercialização de alimentos orgânicos na Associação “Acolhida na Colônia”-SC/Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 56, pp. 517-534.
- Fernandes, V., & Sampaio, C. A. (2006). Formulação de estratégias de desenvolvimento baseado no conhecimento local. *RAE Eletrônica*, 2.
- Fortunato, R. A., & Teixeira, K. L. (2011). A gestão do conhecimento na organização do turismo rural nas encostas da Serra Geral-SC: O caso do projeto “Acolhida na Colônia”. *Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo-ANPTUR*, 8.

- Garcia, M. (2021). Ecosocioeconomia e Turismo de Base Comunitária (TBC): entrevista com Carlos Alberto Cioce Sampaio. *Revista Turismo & Cidades*, 3(6), pp. 188-193.
- Garcia, M. (2021). Ecosocioeconomia e Turismo de Base Comunitária (TBC): entrevista com Carlos Alberto Cioce Sampaio. *Revista Turismo & Cidades*, 3(6), pp. 188-193.
- Giorgi, A. (2005). The phenomenological methods and research in the human sciences. *Nursing Science Quarterly*, 18(1), 75-82.
- Graciano, P. F., & Holanda, L. A. (jan./abr. de 2020). Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 14(1), pp. 161-179. doi:<http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i1>
- Guzzatti, T. C. (2003). *O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural: sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas encostas da Serra Geral*. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Engenharia da Produção. Florianópolis: Centro Tecnológico.
- Guzzatti, T. C. (2010). *O agroturismo como elemento dinamizador na construção de territórios rurais: o caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima (SC)*. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Geografia. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
- Guzzatti, T. C. (2019). *Acolhida na Colônia: um espaço de vida e encontros*. Criciúma, SC: EdiUNESC.
- Guzzatti, T. C., Sampaio, C. A., & Coriolano, L. N. (2013). Turismo de base comunitária em territórios rurais: caso da Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC). *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, 1.
- Heidegger, M. (2010). *Being and Time: a revised edition from Stambaugh translation*. Albany: State University of New York Press.
- IPCC. (2022). *2022: Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge, UK and New York, USA: Cambridge University Press. doi:10.1017/9781009325844
- Lanigan, R. (1997). Capta versus data: método e evidência em comunicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 17-45.
- Lanigan, R. (February de 2013). Communicology and Culturology: semiotic phenomenological method in applied small group research. *The Public Journal of Semiotics*, v. IV, n. 2, February 2013, pp. 71-103, IV(2), 71-103.
- Lave, J. (2011). *Apprenticeship in Critical Ethnographic Practice*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated Learning*. New York: Cambridge University Press.
- Lee, T. H., & Jan, F.-H. (2019). Can community-based tourism contribute to sustainable development? Evidence from residents' perceptions of the sustainability. *Tourism Management*, 70, pp. 368-380. doi:<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.09.003>.
- Lima, F. B., & Silva, Y. F. (2019). Turismo Comunitário e Desenvolvimento Local: uma revisão integrativa sobre a Acolhida na Colônia. *Caderno Virtual de Turismo*, 19(2), pp. 1-13. doi:<https://doi.org/10.18472/cvt.19n2.2019.1443>
- Manidis, M. (2015). Practising knowing at work: a case study in healthcare. *Teoria e Prática em Administração*, 5(2), 27-50.
- Martendal, A. G., & Tomio, M. (2015). Gestão Familiar no Agroturismo em Santa Catarina: a experiência da Acolhida na Colônia. *Revista Turismo Em Análise*, 26(4), pp. 903-918. doi:<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i4p903-918>
- Martins, M. R. (2013). *Projetos de vida de jovens rurais: o caso do roteiro agroturístico" Acolhida na Colônia em Santa Rosa de Lima-SC*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural.
- Nicolini, D. (2013). *Practice, Theory, Work and Organization – an introduction*. (O. u. Press, Ed.) Oxford.
- Nicolini, D., Gherardi, S., & Yanow, D. (2003). Introduction: toward a practice-based view of knowing and learning in organizations. Em D. Nicolini, S. Gherardi, & D. (. Yanow, *Knowing in organizations: a practice-based approach* (pp. 3-31). Nova York: M. E. Sharpe.
- Pantzar, M., & Shove, E. (2010). Understanding innovation in practice: a discussion of the production and re-production of Nordic Walking. *Technology Analysis & Strategic Management*, 22(4 ), pp. 447-461. doi:<http://dx.doi.org/10.1080/09537321003714402>
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. São Paulo: Ed. Intínseca.
- Pimentel, R. (out.-dez. de 2020). Practice-based studies on sustainable consumption: a methodological proposal. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração - RPCA*, 14(4), pp. 36-54.

- Pimentel, R., & Nogueira, E. E. (jul./set. de 2018). Estudos baseados na prática: possibilidades metodológicas para pesquisas em estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 25(86), 350-370. doi:10.1590/1984-9250861
- Prus, R. .. (1996). *Symbolic Interaction and Ethnographic Research – Intersubjectivity and the study of human lived experience*. New York: State University of New York Press.
- Rafael Cáceres-Feria, M. H.-R.-B. (2021). Depopulation, community-based tourism, and community resilience in southwest Spain. *Journal of Rural Studies*, 88, pp. 108-116. doi:https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.10.008
- Rocha, E. S., Flores, L. C., & Pereira, R. M. (2017). Gênese e Formação Socioespacial da Região do Vale do Itajaí, SC, Brasil: projeto Acolhida na Colônia. *Revista Turismo Em Análise*, 28(2), pp. 191-205. doi:https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v28i2p191-205
- Sampaio, C. A., & Alves, F. K. (2019). Ecosocioeconomias: um conceito em construção. Em C. A. Sampaio, & I. J. Grimm, *Ecosocioeconomias: promovendo territórios sustentáveis*. (pp. 11-28). Blumenau: Editora FURB.
- Sampaio, C. A., & Dallabrida, I. S. (julho/dezembro de 2009). Ecosocioeconomia das Organizações: gestão que privilegia uma outra economia. *Revista da FAE*, 12(2), pp. 17-33.
- Sampaio, C. A., Fernandes, V., Etxagibel, J. A., & Gabilondo, L. A. (2014). Sampaio, C. A. C; Fernandes, V.; Etxagibel, J. A. & Gabilondo, L. A. (2014). Da Socioeconomia para a Ecosocioeconomia: a experiência paradigmática do cooperativismo de Mondragon. Em J. E. Lima, & S. M. Maciel-Lima, *(Socio)Ecologismo dos Povos do Sul: clamores por justiça* (pp. 277-298.). Curitiba: Editora UFPR.
- Sandberg, J., & Tsoukas, H. (2011). Grasping the logic of practice: Theorizing through practical rationality. *Academy of Management Review*, 36(2), pp. 338-360.
- Sandberg, J., & Tsoukas, H. (2020). Sensemaking Reconsidered: towards a broader understanding through phenomenology. *Organization Theory*, 1, pp. 1-34. doi:10.1177/2631787719879937
- Schatzki, T. (2012). *A Primer on Practices*. In: J. HIGGS et. al., (eds.), *Practice-Based Education: Perspectives and Strategies*. (S. Publishers, Ed.)
- Shove, E., Pantzar, M., & Watson, M. (2012). *The Dynamics os Social Practice: everyday life and how it changes*. London: SAGE Publications.
- Urano, D. G., & Nóbrega, W. R. (set./dez. de 2020). Community-based tourism and networks: an analysis of the collaborative relationships in the Tucum Network, Brazil. *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review*, 9(3), pp. 408-434. doi: https://doi.org/10.5585/podium.v9i3.15916
- V-DEM Institute. (2021). *Democracy Report 2021*. University of Gothenburg.
- Vieira, P. F., & Sampaio, C. A. (2022). Ecosocioeconomias na encruzilhada do antropoceno: uma perspectiva sistêmica-interdisciplinar. *Revista HALAC: Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña*, pp. 168-208.
- Walkowski, M. C., Damo, M. R., & Loch, C. (2017). Projeto Acolhida na Colônia no Estado de Santa Catarina - SC: Um Território de Identidade e Turismo sob a Ótica da Linguagem de Padrões. *Turismo: Visão e Ação*, 19(2), pp. 319-347. doi:10.14210/rtva.v18n2.p319-347
- Walkowski, M. C., Pires, P. D., Lopes, C. V., & Assing, L. (2021). Memórias Alimentares no Turismo de Base Comunitária da Acolhida na Colônia, Santa Catarina, Brasil. *Rosa dos Ventos- Turismo e Hospitalidade*, 13(1), pp. 156-176. doi:http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p156

## Notas

<sup>1</sup> Cinco entrevistas foram realizadas com o casal de proprietários, tendo em vista aspectos culturais da região.

Recibido: 11/07/2023  
 Reenviado: 09/12/2023  
 Aceptado: 08/01/2024  
 Sometido a evaluación por pares anónimos